REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 802

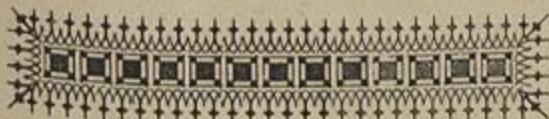
10 DE ABRIL DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

D. MARIA THEREZA DE LOWENSTEIN DE BRAGANÇA

CHRONICA OCCIDENTAL

Sexta-feira, como nos mais annos, matança grande no matadoiro municipal.

É um dos usos na semana santa. Depois d'uma quaresma de tantos dias e do enterro do bacalháo, que por signal já não se enterra ha muitos annos, não é de admirar que duzentos e tantos innocentes ruminantes tenham de morrer de morte tragica ás mãos dos magarefes.

N'estes dias lindos, e até de calor a que já não estavamos costumados, Lisboa animou-se muitissimo e até altas horas da noite, depois que os templos fecharam, as confeitarias illuminadas estiveram cheias de gente, sobretudo aquellas que annunciavam loterias. Um matar saudades da defunta batotinha, que o inferno mantenha em sua diabolica guarda por muitos annos e bons.

A quaresma terminou com trez esplendidos, excepcionalissimos dias, n'esta primavera que até então bem longe esteve de merecer o diccionario de alcunhas que os poetas lhe teem posto.

Acabou-se finalmente o tempo da penitencia. De peixe e de amendoas viveu a população, paguem-o os bois pacificos, as innocentes vitellinhas, os carneiros d'olhar meigo.

Quando o interprete dos boers lhes traduzir os jornaes em que vem descripta a carnificina, como hão de arregalar gulosamente os olhos, os pobres foragidos que aborrecem o feijão, e detestam o azeite com que lh'o temperam.

E' talvez por isso que, segundo affirma um jornal francez, o presidente Kruger se vae queixar em termos polidos mas energicos ao governo de Portugal.

Os francezes estão sendo comnosco muitissimo amaveis. Sendo noticia desagradavel são trigosamente dos primeiros a nos virem com ella.

Ora um dos redactores do *Seculo* conversou com o sr. Heestermann, membro do grande *comité* hollandez de protecção e soccorro aos boers e que, por elle commissionado viera a Portugal, o qual declarou que o acolhimento feito aos refugiados fôra superior a toda a sua espectativa, que o nosso paiz merece o maior elogio e que a Hollanda contrahiu com Portugal uma divida de eterna gratidão.

Poucos dias depois do *Benguella*, chegou ao Tejo o paquete *Zaire* com novos refugiados, a maior parte dos quaes se acham presentemente nas Caldas da Rainha, em cujo hospital lhes foram preparados alojamentos.

D'essa lindissima villa, de Alcobaça, de Peniche, todos os dias chegam a Lisboa correspondencias, que todas affirmam mostrarem-se os boers, realmente dignos de commiseração e juntamente do maior respeito, reconhecidissimos pela forma por que foram recebidos e actualmente são tratados.

Os desgraçados, longe da patria, maior piedade agora devem inspirar n'estes dias festivos, em que todas as familias se reunem. Forçosamente o ecco das alegrias nos lares portuguezes ha de levar aos ouvidos dos proscriptos alguma lembrança saudosa. Que se passará n'aquellas almas, quando todos á tarde se reunem para cantar seus canticos religiosos? Quanta lagrima ha de marejar os olhares que se erguem para o ceo, emquanto os olhos da alma revêem as montanhas, o matto, as florestas, os areaes abrasados, os rios caudalosos, das grandes regiões africanas, que outro sol mais quente allumia, que tem outras estrellas no ceo!

Semana Santa! Com elles, pobres expatriados, com os mais desvalidos, se exerceu a caridade que tanto Christo recommendou. No hospital em Lisboa, em Peniche, para que pelos mais necessitados fossem distribuidas, algumas esmolas foram entregues, avultadas.

E' tempo de exercer a caridade, é tempo em que o poder moderador costuma fazer uso d'uma de suas mais altas prerogativas — perdoar. Caridade é tambem.

Mas para que tambem houvesse quem se pudesse queixar da semana santa, um pequenito que em S. Domingos assistia ás ceremonias que precedem as da Alleluia, sentindo-se pisado, começou aos berros e nunca microbio appareceu mais fecundo do que aquella pisadella. Em grande balburdia começou tudo a fugir e as pisadellas cresciam em numero, de forma pasmosa ou são falsas as conclusões das progressões geometricas. Afinal o bom senso e sangue frio de meia duzia de policias e d'alguns guardas municipaes conseguiram restabelecer a ordem. Resultado: algumas ligeiras contusões e bastantes relogios roubados. A alleluia rompeu em meio da maior tranquillidade.

Espalhou-se pela cidade a noticia do tumulto e não faltou quem logo affirmasse ter havido em S. Domingos manifestações anti-religiosas.

Assim não foi felizmente.

Lisboa a esse respeito tem-se ultimamente mostrado mais tranquilla. Aqui, ali, fecham-se umas portas, continua a falar-se n'outras que brevemente serão trancadas, dizem-se umas verdades, inventam-se algumas calumnias, mas as discussões vão abrandando.

Quando ha tempos lemos alguns artigos mais violentos contra pessoas, que em nossa consciencia julgamos dignas de tanto louvor como de vi-

tuperios lhes dirigiram, recordámo-nos d'umas bellas paginas de alguem, que tambem não era pelos conventos e que tinha algum valor, um tal Victor Hugo, que eu não sei se conhecem.

Foi-nos facil achar essas paginas dos MISERAVEIS e não nos furtamos ao dever de traduzir algumas, um capitulo apenas.

Ha n'ellas talvez alguma coisa que mereça meditação.

Eil-as aqui:

«Ainda umas palavras.

«Censuramos a Egreja quando saturada de intrigas, despresamos o espiritual rispido para com o temporal; mas sempre honramos o homem pensativo.

«Saudamos quem se põe de joelhos.

«Uma fé; eis para o homem o preciso. Desgraçado do que em nada acredita.

«Não é ocioso o absorto. Ha o trabalho visivel e o invisivel.

«Contemplar é lavrar; pensar é pôr em acção.

«Os braços cruzados trabalham, as mãos juntas operam. Um olhar para o céo é uma obra.

«Quatro annos esteve Thales immovel e fundou a philosophia

«Para nós os cenobitas não são uns ociosos nem os solitarios uns mandriões.

«Pensar na Sombra é coisa séria.

«Sem ponto invalidar do que acabámos de dizer, cremos que uma continua lembrança da cova convem aos vivos. E' ponto em que estão de accordo o padre e o philosopho. *Temos de morrer.* O abbade da Trappa acóde á deixa de Horacio.

«E' lei do sabio combinar com a vida certa presença do sepulchro, e é lei do asceta. Asceta e sabio convergem n'este sentido.

«Temos o crescimento material; queremol-o. Temos a grandeza moral; a ella nos atemos.

«Dizem espiritos irreflectidos e promptos:

«Para quê esses vultos immoveis ao lado do mysterio? De que servem? Que fazem?»

«Ai de nós! Na escuridão que nos envolve e nos espera, mal sabendo o que de nós nos fará a dispersão immensa, respondemos: Não ha talvez obra mais sublime que a d'essas almas. E ajuntamos: Nem talvez obra mais util.

«E' preciso que haja quem sempre rese por aquelles que não resam nunca.

«Para nós tudo vae da quantidade de pensamento que se funde na oração.

«Grande é Leibnitz resando, e Voltaire adorando é bello. *Deo crexit Voltaire.*

«Somos pela religião contra as religiões.

«Somos dos que crêem na miseria das orações e na sublimidade da oração.

«E de mais, n'este minuto que atravessamos, minuto que felizmente não deixará sua marca ao seculo XIX, n'esta hora em que tanto homem anda de rosto para a terra e pouco eleva a alma, entre tantos cuja moral é gosar e preocupar-se das coisas breves e disformes da materia, quem quer que se exila parece-nos digno de veneração. O mosteiro é uma renuncia. Um sacrificio, porque o fim é baldo, não deixa de ser um sacrificio. Tem sua grandeza o tomar como dever um desacerto severo.

«Em si considerado e idealmente, e para girarmos em volta da verdade até o exgotamento imparcial de todos os aspectos, o mosteiro, e sobretudo o convento das mulheres, porque n'esta nossa sociedade é a mulher quem mais soffre, e n'esse exilio do claustro ha o que quer que seja de protesto, o convento das mulheres tem incontestavelmente uma certa majestade.

«A existencia do claustro, tão austera e taciturna, da qual já apontámos uns lineamentos, não é vida porque não é liberdade, não é tumulo porque não é plenitude; é o logar extranho d'onde se avista, como da crista d'alto monte, d'um lado o abysmo em que estamos, do outro aquelle onde haveremos de estar; é fronteira estreita e nevoenta, dois mundos separando, por ambos a um tempo alumiada e obscurecida, onde o raio da vida enfraquecido se mistura com o raio indeciso da morte; é a penumbra do tumulo.

«Quanto a nós, que não acreditamos no que estas mulheres acreditam, mas que vivemos como ellas pela fé, nunca sem certo terror religioso e enternecido, sem certa compaixão cheia de inveja pudemos contemplar as dedicadas criaturas, tremulas e cheias de confiança, almas humildes e venerandas, que se atrevem a levar a vida mesmo á beira do misterio, cheias de esperança, o mundo que se fechou e o céo que ainda não se abriu, com os rostos para a claridade que ainda não surge, felizes só de pensar que bem sabem d'onde ella lhes ha-de vir, suspirando pelo abysmo e pelo desconhecido, d'olhar fito na escuridão immovel, ajoelhadas, consternadas, estupefactas, tremulas, soerguidas em certas horas pelo sopro profundo da eternidade.»

Victor Hugo, que decerto não atiraria uma pedra á janella do convento onde vivesse uma velhinha com noventa annos, a maior parte d'elles passados a resar pelos que não resam, não queria entretanto os conventos.

Não nos parece que a mesma opinião tivesse Dostoïevsky, o romancista russo genial, que nos tenta para acreditarmos em differentes encarnações d'um mesmo espirito, tanto ás vezes nos parece que é Shakespeare escrevendo no decorrer do seculo XIX.

Não é um catholico que escreve, nem era catholico o starets Zossima, um russo, mas um christão convicto.

Eis o que elle diz, quando em sonhos apparece a Alioscha Karamazov, que depois de preparar a fuga do irmão, atára a seus pés de innocente os ferros de deportado.

«Humildade, caridade, eis o que em toda a verdade se resume, e eu digo-te que a nossa missão de monges é persuadir o mundo d'esta verdade. Porque, haja embora hierarchias apparentes, entre nós não ha *primeiro*. Servimo-nos uns aos outros e sabe cada qual que é culpado perante todos. Mofa de nós o mundo e queixa-se grosseiramente da inutilidade do clero negro. Mas no clero negro quanto homem modesto e sincero, que apenas busca a soledade, a paz e a oração! E' dos sequiosos de oração e soledade que ha de vir a salvação á terra russa. Conservam a Verdade tal como lhes foi legada pelos primeiros padres, martyres e apostolos. Quando fôr mister, hão de apparecer, repetindo-a ao mundo cambaleante. Repara: os homens do seculo teem apenas a sciencia que só fala á logica dos sentidos; o mundo espiritual rejeitam-o magestosos e enjoados, e na sciencia d'elles fundados, proclamaram a liberdade. Mas que se tornou a liberdade em suas mãos? Escravidão e suicidio. O mundo diz ao pobre: «Tens carencias? Satisfaz teus desejos. São teus direitos eguaes aos dos ricos.» Mas satisfazer os desejos será multiplical-os; d'um desejo satisfeito outro desejo nasce. E eis a liberdade como o seculo a comprehende. Gera para o rico o isolamento e o suicidio moral, para o pobre a inveja e o crime. «São teus direitos eguaes aos dos ricos!» E teus meios? Abarrotam-se os ricos e morrem de plethora, sem que achassem nos requintes do luxo o verdadeiro contentamento: e os pobres, a cujo olhar taes requintes, por isso mesmo que os desconhecem, são realidades de perfeita bemaventurança, os pobres, que do luxo teem apenas o sonho, vão procural-o no vinho e morrem de alcoolismo. Um dia, em vez de vinho, é sangue que haverão de beber. Ricos assim e taes pobres ousarias, Aleixo, appelidal-os de livres? Conheci um demagogo; contou-me elle que estando preso e sem tabaco, tanto o molestou a privação, que esteve a ponto de renegar, em troca d'um cachimbo, todas as doutrinas por que havia sacrificado a liberdade. Era, no entanto, um d'esses que dizem: «Dedico-me pela humanidade.» Sim, sim, dedicação rapida, heroismo que dure uma hora, está bem; mas são incapazes d'um soffrer demorado, porque são escravos de seus sentidos. Por causa d'elles tornou-se a liberdade escravidão peor que a antiga escravidão; pois que o escravo romano era livre pelo menos quando escapava ao olhar do amo — mas tu é que não podes livrar-te do teu proprio olhar. Em vez de servir a unidade humana, criaram os demagogos a divisão em classes — ricos e pobres — e o egoismo individual. E' outra a missão dos monges. Mofa-se de seus jejuns e orações. Pois n'essas mortificações é que está a liberdade verdadeira. Refreio meus desejos, abato a minha independencia, mortifico a minha carne e por esse caminho chego á liberdade do espirito e ao contentamento espiritual. Quem melhor que esse livre e esse contente, será capaz de elevar a grande idéa e servil-a? Compara com o rico este libertado da tyrannia das coisas e do que é costume. Verberam ao frade o isolamento: «Tratas de salvar-te entre as quatro paredes de teu mosteiro e não te lembras dos mutuos deveres da humanidade!» Não; isolamento não é o nosso, é o dos ricos egoistas e corruptos, é o do pobre vicioso e desgraçado. De nós surgirá um dia o libertador do povo; são estes monges, que fortalecidos pelos jejuns, pela oração, pelo silencio, hão de erguer-se para a grande causa. Torno a repetil-o: no povo está a salvação da Russia e sempre em communhão com o povo esteve o frade russo. Elle possue as nossas crenças e nenhum sem essas crenças terá poder sobre elle. O povo ha de vencer o atheismo, e, quando houver triumphado, teremos uma unica Egreja orthodoxa. Monges, tomae conta no povo, vigiae seu coração, elevae pouco a pouco seu espirito, eis a vossa missão d'hoje, missão toda suavidade, que a força está com os suaves, com os caritativos. Na Europa o povo revolta se violentamente contra os ricos; levam o os demagogos para a mortandade e dizem-lhe que é de justiça a sua colera. Maldita seja tal colera, porque é barbara! Pois será sonho, Aleixo, que tome um dia o homem todo seu contentamento nas pacificas conquistas d'uma sciencia não já negadora, no amor, desviado emfim da ferocidade sensual, de devassidões e vaidades? Por mim, creio que o tempo vae chegar em que havemos com a ajuda de Christo, de executar esta obra. Quanta coisa se produz na humanidade, que dez annos atraz se julgaria impossivel! A hora soou, e ella cumpriu-se! E agora sou eu quem pergunta aos escarnecedores: «E vós, quando haveis de fundar esse reino de justiça de que ha tanto vindes fallando? Ha muito, meus amos, que vos vejo de mãos áobra, e só causastes no estado social um aggravamento notavel! Com taes resultados, se ainda cuidaes possuir a verdade. é preciso realmente que sejaes, ainda mais do que nós, sonhadores!».

Tivemos agora festas lindas, commemorando a paixão de Christo.

Alleluia! Tocaram alegres os sinos da Paschoa. O tempo é para falar em alegrias. Muito poderia dizer da encantadora *Historia da Caro chinha*, que o Schwalbach escreveu para o theatro dos pequenos e que estes representaram encantadoramente, muito poderia falar da estreia da companhia lyrica no Colyseu, da peça que vai no theatro D. Amelia e das maravilhosas actrizes francezas que ali vão estreiar se um dia d'estes; mas não é com estylo meu que heide fechar hoje esta chronica.

Depois de Victor-Hugo, Dostoïevsky; depois de Dostoïevsky, quem senão Victor-Hugo?

E vem a proposito:

«Ha, sabemol-o, uma philosophia que nega o infinito. Ha tambem outra philosophia, pathologicamente classificada, que nega o sol; esta philosophia chama-se cegueira.

«Promover um sentido, que nos falta, a fonte de verdade é uma linda segurança de cego.

«O que devéras é curioso é o ar altivo, superior, de compaixão, que, perante a philosophia que vê a Deus, toma ess'outra philosophia ás apalpadellas. E' como se uma toupeira exclamasse: — tenho dó d'elles com o tal sol!».

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. MARIA THEREZA DE BRAGANÇA

A sympathica princeza que hoje usa o nome de D. Maria Thereza de Bragança é a segunda esposa de seu primo D. Miguel de Bragança, filho de D. Miguel I, que foi rei de Portugal e a cujos descendentes a lei proscreveu do territorio portuguez apoz os acontecimentos de 1834.

Nascida em Roma a 4 de janeiro de 1870, realisou-se o casamento de D. Thereza a 8 de novembro de 1893 em Kleinheubach, sobre o Mein, na baixa Franconia, na Baviera, sendo então princeza de Lœwenstein-Wertheim-Rosenberg, a illustre casa que já dera a D. Miguel I para esposa a D. Adelaide Sophia, hoje religiosa na abbadia benedictina de Solesmes, e tia e sogra, portanto, da princeza cujo retrato publicamos.

O fundador da casa de Lœwenstein-Wertheim foi o principe Luiz, nascido em 1463, filho de Frederico, o *Victorioso*, eleitor palatino. Em troca de certas possessões que lhe deixou seu pae no palatinado, obteve Luiz o senhorio de Lœwenstein, na Suabia, recebendo do imperador Maximiliano I o titulo de conde do Imperio. Perdeu, porém, sua familia aquelle senhorio, porque o obteve o duque Elbic de Wurtemberg, Luiz II, descendente d'aquelle principe, pelo seu casamento com Anna, filha do conde de Wertheim.

Teve Luiz II dois filhos: Christovam, que se fez lutherano e João Thierri, que se conservou catholico, ficando o primeiro com o titulo de Lœwenstein-Wertheim-Freudenberg e o segundo com o de Lœwenstein-Wertheim-Rosenberg.

Apoz a dissolução do imperio germanico em 1806 e protocolo de Francfort de 20 de julho de 1819, as possessões d'estes principes foram mediatisadas e passaram para a soberania de Baviera, Baden, Wurtemberg e Hesse.

Do enlace de D. Maria Thereza de Lœwenstein-Wertheim-Rosenberg com D. Miguel de Bragança tem havido os seguintes filhos:

— *Izabel*, que nasceu em Kleinheubach, a 19 de novembro de 1894;

— *Maria Benedicta*, que nasceu na mesma povoação a 12 de agosto de 1896;

— *Mafalda*, que nasceu no castello de Ankenstein, a 4 de outubro de 1898;

— *Maria Anna*, que nasceu no castello de Fischorn, a 3 de setembro de 1899.

Affeiçoada pelo coração e pelas tradicções das familias que com o seu consorcio mais estreitou, D. Maria Thereza vota a Portugal sincera sympathia. Suas filhas usam o portuguezissimo titulo de infantas e são educadas desde os primeiros annos no mesmo affecto á terra de seu avô paterno.

A' educação patriotica ajuntam-se os fructos da educação verdadeiramente christã. Catholica ferverosa a sua missão de mãe é desempenhada com inexcedivel amor, do que são testemunhas quantos alli respiram essa atmosphera de virtude e de conforto.

Que mais bello louvor para uma princeza do que esta affirmativa do digno cingimento da mais bella das corôas senhoris, a que mais sublime respeito pode infundir — a maternidade.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1890-1891

Obras no theatro de S. Carlos. — Tela metallica isolando o palco da sala, no caso de incendio. — Mechanismo hydraulico e electrico. — Companhia lyrica de canto e baile. — Reportorio — Operas e bailes que subiram á scena — Recitas extraordinarias do tenor Tamagno. — Elevação dos preços — Tamagno no *Otello*. — Operas novas. — *Mala Pasqua*, de Gastaldon. — *Fra Luigi di Sousa*, de Freitas Gazul. — Concertos e beneficios em S. Carlos — *Stabat Mater*, de Rossini — Artistas mais notaveis. — Tamagno. — Theodorini. — Menotti. — Gabrielesco. — Bulicioff. — Ercolani. — Reapparição de Laura Harris na scena de S. Carlos. — Fiasco. — Charivaris em S. Carlos. — Concertos na Trindade. — Amadores e artistas. — A Theodorini no theatro da Rua dos Condes, na farça *José Palonso*. — Concertos classicos em S. Carlos. — Conferencias de José Julio Rodrigues em S. Carlos. — Morte do maestro Angelo Frondoni. — Crise financeira em Portugal. — Crises economica, financeira, monetaria, commercial e industrial. — Agio do ouro. — Os metaes desapparecem. — Regimen das notas. — O governo dispensa o Banco de Portugal de trocar as notas por ouro ou prata. — Embaraços por falta de trocos. — Emissão de notas e cedulas de pequeno valor. — O povo aceita facilmente a papelada substituindo o metal. — Influencia da crise sobre o theatro de S. Carlos. — O agio do ouro e o pagamento aos artistas estrangeiros. — A empreza fica gravemente ameaçada.

Antes de começar a estação theatral de 1890-1891 foi collocado no proscenio um panno de boca, de ferro, bem como tambem ficaram installadas varias portas de ferro, para isolarem, no caso de incendio, o palco scenico e caixa do theatro, da sala e corredores.

A grande tela de ferro sobe toda inteira, por meio de um motor hydraulico que se põe em acção por meio de contactos electricos, como já descrevemos no prefacio d'este trabalho.

Eis a composição da companhia lyrica que funccionou na epocha de 1890-1891:

Damas: Helena Theodorini, Nadine Bulicioff, Linda Brambilla, Emma Leonardi (meio soprano), Cesira Pagnoni (contralto), Laura Harris Zagury, Gazull (comprimaria).

Tenores: Francesco, Tamagno, Gregorio Gabrielesco, Giuseppe Moretti, Bugatto, Mastrobuono (comprimario), Durini (comprimario).

Barytonos: Delfino Menotti, Maurice Devriés, Carbone (bufo), Salassa, Soldá (comprimario), Paterna (segundo).

Baixos: Remo Ercolani, Paolo Wulmann; Joaquim Veiga Ottolini (comprimario).

Choreographo: Felter.

Bailarinas: Prioris e Agostini.

Maestros: Marino Mancinelli, Back, Sarti.

Scenographo: Luigi Manini.

Director de scena: Luigi Magnani.

O reportorio foi o seguinte:

Gioconda, de Ponchielli, em 30 de outubro de 1890, por Helena Theodorini, Emma Leonardi, Cesira Pagnoni, Giuseppe Moretti, Delfino Menotti, Paolo Wulmann, Soldá, Durini, Ghidotti.

Aida, de Verdi, em 1 de novembro de 1890, por Bulicioff, Emma Leonardi, Gregorio Gabrielesco, (e depois Bugatto) Maurice Devriés, (e depois Menotti), Remo, Ercolani, (e depois Wulmann) Soldá, Durini.

Rigoletto, de Verdi, em 5 de novembro, por Linda Brambilla, Pagnoni, Gazull, Moretti, Menotti, Wulmann, Soldá, Durini, Ghidotti, Lagar.

Fausto, de Gounod, em 8 de novembro, por Bulicioff, Pagnoni, Gazull, Gabrielesco, Wulmann, Devriés, Soldá.

Mefistofele, de Boito, em 11 de novembro, por Bulicioff, Pagnoni, Moretti, Ercolani, Durini.

Lucrezia Borgia, de Donizetti, em 13 de novembro, por Theodorini, Leonardi, Moretti, Wulmann, Mastrobuono, Durini, Saroglia, Agostino, Ghidotti. No ultimo acto cantou Moretti a romanza de *I due illustri rivali*.

I pescatori di perle, de Bizet, em 15 de novembro, por Brambilla, Moretti, Devries, Agostino.

Linda di Chamounix, de Donizetti, em 22 de novembro, por Harris, Pagnoni, Gazull, Mastrobuono, Menotti, Ercolani, Carbone, Durini. No fim do 3.º acto cantou Harris uma valsa de Venzano.

Il Re di Lahore, de Massenet, em 4 de dezembro por Bulicioff, Pagnoni, Gabrielesco, Devriés, Ercolani.

La Favorita, de Donizetti, em 18 de dezembro, por Leonardi, Gazull, Moretti, Devriés, Ercolani, Durini.

Norma, de Bellini, em 29 de dezembro, por Theodorini, Brambilla, Gazull, Bugatto, Wulman, Durini.

Otello, de Verdi, em 8 de janeiro de 1891, por Theodorini, Pagnoni, Gabrielesco, (e depois Tamagno), Mastrobuono, Menotti, Ercolani, Durini, Soldá, Ghidotti.

L'Africana, de Meyerbeer, em 28 de janeiro, por Bulicioff, Brambilla, Gazull, Gabrielesco, Mastrobuono, Menotti, Ercolani, Carbone, Soldá, Veiga, Durini, Ghidotti.

Mala Pasqua, de Gastaldon, em 2 de fevereiro, por Theodorini, Pagnoni, Gazull, Gabrielesco, Devriés.

Crispino e la Camare, de Luigi e Federico Ricci, em 7 de fevereiro, por Theodorini, Pagnoni, Moretti, Mastrobuono, Wulmann, Carbone, Paterna, Soldá, Durini. No 4.º acto cantou Theodorini a valsa *Parla*, de Arditi.

Ruy Blas, de Marchetti, em 13 de fevereiro, por Bulicioff, Leonardi, Gazull, Moretti, Menotti, Ercolani, Durini, Soldá, Ghidotti.

Carmen, de Bizet, em 21 de fevereiro, por Leonardi, Brambilla, Pagnoni, Gazull, Moretti, Salassa, Carbone, Durini, Soldá, Ghidotti.

Poliuto, de Donizetti, em 14 de março, por Bulicioff, Tamagno, Salassa, Ercolani, Lagar, Durini, Ghidotti.

Fra Luigi di Sousa, de Francisco de Freitas Gazul, em 19 de março, por Theodorini, Brambilla, Gabrielesco, Menotti, Wulmann, Mastrobuono, Carbone, Soldá, Ghidotti.

Gli Ugonotti, de Meyerbeer, em 23 de março, por Bulicioff, Brambilla, Pagnoni, Gazull, Tamagno, Mastrobuono, Ercolani, Devriés, Salassa, Carbone, Soldá, Ghidotti.

Duas operas novas subiram á scena do theatro de S. Carlos, n'esta epocha: *Mala Pasqua*, de Gastaldon, e *Fra Luigi di Sousa*, do distincto maestro portuguez Francisco de Freitas Gazul.

Houve n'esta epocha tres pequenas danças:

Em 18 de novembro de 1890, *divertissement*, de Felter, por Prioris, Agostini, e corpo de baile.

Em 2 de fevereiro de 1891, *Una gára*, baile de Felter, por Prioris, Agostini e corpo de baile.

Em 7 de fevereiro, *dança carnavalesca*, idem.

Houve 6 recitas extraordinarias em que cantou o tenor Francesco Tamagno, elevando se os preços dos camarotes, plateias, galerias e varandas da maneira seguinte:

	Preços por as.ª 6 recitas	Avulso cada recita
Frisas	90$000	16$000
1.ª ordem	108$000	19$000
2.ª » grandes	63$000	11$500
2.ª » pequenos	54$000	10$000
3.ª » grandes	45$000	9$000
3.ª » pequenos	36$000	7$500
Torrinhas grandes	30$000	5$500
» pequenas	21$000	4$000
Superior	13$500	3$500
Geral	9$000	1$700
Galerias	—	$800
Varandas	—	$500
Entrada	—	$400

Os espectaculos foram os seguintes:

1.ª recita em 11 de março de 1891, opera *Otello* de Verdi.

2.ª recita em 13 de março de 1891, opera *Otello*, de Verdi.

3.ª recita em 14 de março de 1891, opera *Poliuto*, de Donizetti.

4.ª recita em 20 de março de 1891, opera *Poliuto*, de Donizetti.

5.ª recita em 23 de março de 1891, opera *Gli Ugonotti*, de Meyerbeer.

6.ª recita em 24 de março de 1891, opera *Otello*, de Verdi.

Além d'estas recitas cantou Tamagno em duas recitas de assignatura ordinaria; em 17 de março a opera *Otello* para os assignantes de recitas impares, e em 18 do mesmo mez a opera *Poliuto*, para os assignantes das recitas pares.

Era grande a anciedade que havia para ouvir e ver representar o celebre tenor Tamagno, para quem Verdi tinha escripto o seu *Otello*, e que a fama apregoava como uma maravilha na execução do papel do mouro de Veneza, da grande tragedia de Shakespeare, que tinha seduzido o estro do grande maestro nosso contemporaneo, como já havia, muitos annos antes, tentado o cysne de Pesaro.

O exito que Tamagno obteve no *Otello* no theatro de S. Carlos de Lisboa, não desmereceu da reputação que o acompanhava. Tamagno não só brilhava n'aquella opera pelos recursos de sua immensa voz, mas cantava e representava de um modo surprehendente, sendo a sua interpretação primorosa, e estudada, nos mais pequenos detalhes, de canto, de gesto, e da acção. Era verdadeiramente sublime; a sua figura e estatura immensa, a portentosa voz de que dispunha, e o estudo que havia feito, ou do que lhe haviam ensinado, tudo concorria para a grandiosa interpretação da creação tragica do poeta inglez e do maestro italiano.

Nas outras operas, sem exceptuar o *Poliuto*, o grande tenor ficava muito abaixo do que se manifestava no *Otello* e fazia recordar o que era annos antes, quando pela primeira vez cantou em Lisboa, na epocha de 1879 a 1880.

Em 22 de março de 1891, á 1 hora da tarde em beneficio da caixa de soccorros a estudantes pobres, promovido por uma commissão de senhoras, sob a presidencia de D. Emilia Seabra de Castro, houve um concerto comprehendendo as seguintes peças:

Symphonia do *Re di Lahore*; aria de *Simone Boccanegra*, por Wulmann; monologo pelo actor Valle; *Chanson à boire*, de Hamlet, por Devriés; *Job*, monologo em verso por Ferreira da Silva; romanza *Perché*, por Tamagno; symphonia de *Vespri Siciliani*; *Parla*, valsa de Arditi, por Theodorini; *O Tio Matheus*, scena comica pelo actor Taborda, *La charité*, romanza por Devriés, *Scherzo* de Chopin, por Oscar da Silva, tercetto do *Guglielmo Tell*, por Tamagno, Devriés e Wulmann.

Em 28 de março, em beneficio do director Guilherme Lima e da Associação 24 de junho deu-se a opera *Crispino e la Comare* de Ricci, e a symphonia de *Rienzi*, de Wagner.

Em 31 de março, festa artistica de Theodorini, houve o seguinte espectaculo: symphonia de *Rienzi*, de Wagner; 1.º e 2.º actos da opera *Crispino e la Comare* de Ricci, 2.º e 3.º quadros do 3.º acto da opera *Norma* de Bellini; bolero da opera *Vespri Siciliani*, de Verdi, por Theodorini.

Em 1 de abril em beneficio de Magnani, director de scena, deu-se a opera *Aida*, de Verdi, por Bulicioff, Leonardi, Bugatto, Devriés, Wulmann, Durini, Ghidotti.

Em 4 de abril, em beneficio de uma cega, houve o seguinte espectaculo: symphonia de *Rienzi*; romanzas das operas *D. Carlos* e *Simone Boccanegra*, de Verdi; romanzas da opera *Dinorah* de Meyerbeer, e *Les Rameaux*, de Faure, por Devries, romanza por Leonardi; *Stabat-Mater*, de Rossini, por Theodorini, Leonardi, Bugatto, José d'Almeida.

Em 5 de abril, em beneficio dos córos; deu-se o 3.º e 4.º actos da opera *Aida*, de Verdi; 2.º e 3.º quadros do 3.º acto da opera *Norma*, de Bellini; bolero da opera *I Vespri Siciliani*, de Verdi, por Theodorini.

Em 6 de abril, no salão do theatro da Trindade em um concerto da Real Academia de Amadores de Musica, cantaram Theodorini, Bulicioff, Leonardi, Brambilla, Devriés e Wulmann, e tocou violino Victor Hussla.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

Tenente Jayme de Sousa Tudella

O tenente de artilheria, Jayme de Sousa Tudella e Napoles, cujo retrato hoje damos nas paginas do *Occidente*, é não só um dos mais distin-

O Real Theatro de S. Carlos

O MAESTRO FREITAS GAZUL

ctos officiaes do nosso exercito, mas um dos que mais se distinguio na celebre campanha contra o regulo Mataca.

Pelo seu vigor phisico, pelo seu porte altivo, pelo seu ar energico, o tenente Tudella é o prototypo do militar aguerrido, corajoso e valente.

Alliando a estas qualidades uma serenidade imperturbavel e um animo incomparavelmente frio, o bravo official a que nos referimos é uma das mais puras e legitimas glorias do nosso exercito.

Intimamente ligado ás idéas de ordem e disciplina, o brio e a honra valem para elle tanto como dogmas.

Possue Jayme Tudella todos os predicados de um militar distincto; mas a qualidade que melhor o caracterisa é a coragem, esse attributo guerreiro que, no dizer de um eminente escriptor, é de todas as qualidades do animo a que mais prestigio lança sobre quem a possue.

Na escola ou na fileira, na aula ou no regimento, sempre o tenente Tudella deu provas exhuberantes de valor, de brio, de abnegação e de actividade.

A pagina mais brilhante, porém, da sua biographia é a que se refere aos feitos por elle praticados n'essa memoravel campanha atravez do Nyassa.

Ninguem, por certo, ignora os serviços que a patria deve a esse punhado de bravos, que constituiram a expedição commandada pelo valente major Machado.

Essa expedição gloriosa voltou com a sua missão cumprida: venceu o poderoso regulo Mataca, que tanto afrontara a nossa bandeira por occasião do cruel assassinato do tenente Valadim.

As operações contra o famoso regulo, durante as quaes se deram o combate de Namatanda, uma acção e um encontro, terminaram pelo incendio da povoação do mesmo regulo. Tudo isto, porém, no meio de grandes perigos e trabalhos.

O tenente Jayme Tudella commandava uma columna de artilheria; tinha á sua disposição, não sei se um, se mais canhões de tiro rapido; era elle proprio quem fazia as pontarias; e tão certeiro e mortifero foi o fogo, qua causou ao inimigo graves damnos.

No mais aceso da lucta houve todavia, um momento de desanimo.

N'esse lance, Jayme Tudella toma uma resolução heroica: salta acima de uma peça, e — alvo da pontaria dos selvagens — é d'ali mesmo que, com uma serenidade impassivel, dirige as vozes de commando.

Este exemplo de bravura, esta abnegação, este stoicismo, este despreso pela vida, incutem na soldadesca uma coragem indomita; o fogo da artilheria recrudesce, e, conjugado com o esforço das outras armas, taes estragos produz ao inimigo que o obriga a bater em retirada.

Por este feito heroico foi o tenente Jayme Tudella agraciado, pelo governo, com o grau de cavalleiro da Ordem da Torre e Espada.

O bravo official, que tão nobremente sustenta as gloriosas tradicções do nosso exercito, era assaz digno d'esta honrosa distincção.

Jayme Tudella é um benemerito da Patria.

(Tondella). *Eduardo Duarte.*

QUESTÕES SOCIAES

(MENDICIDADE E CHRISTIANISMO)

«Sere hombre libre?... Mentira,
«Que es el hombre mi enemigo,
«La libertad de un mendigo,
«Es un mendrugo de pan.

JUAN WENCESLAO MUNNÉ.
—*Ecos del Alma.*

«Pour condamner le Christianisme,
il faut ne pas le comprendre».

J. BARTHÉLEMY SAINT-HILAIRE.
—*Mahomet et le Coran.*

Um dos symptomas mais tristes de decadencia d'um povo é o augmento sensivel do numero de pedintes e a falta de brio das classes desprotegidas.

Na dignidade do lar domestico está o inicio e o complemento integral do trabalho honrado.

TAMAGNO

Não ignoro o acêrto que *casa onde não ha pão todos ralham ninguem tem razão*, mas circumstancia alguma na vida tem valor de desculpa ao esquecimento do dever e ao desprezo da honestidade.

As grandes cidades occultam em seus mil bêcos emaranhados e pouco limpos as escolas hediondas do vicio, que são em verdade outros tantos fócos epidemicos exhalando para longe miasmas putridos e deletérios.

A policia, por melhor organisada que ella seja, é impotente contra a onda devastadora dos ociosos, muito mais damninha do que as pragas annunciadas outr'ora ao pharaó pelo legislador dos hebreus

E' arduo e difficilimo de resolver o famoso problema da mendicidade.

As proprias instituições de caridade quando se não deixam guiar pela prudencia mais escrupulosa e intransigente, em logar de ministrar beneficio, incitam antes ao lazer de mandrião em que muitos individuos se lançam, seguros como estão de não morrer á fome e com a certeza inteira de que não lhes faltarão hospitaes e medicamentos gratuitos nos casos de doença.

Será possivel, porém, evitar o malandrim e fazer selecção rigorosa na multidão dos mendigos?

Todos os recursos pecuniarios e de justiça postos ao serviço da boa vontade de espiritos illustrados e superiormente sensatos, bastarão a transformar as coisas do presente e a imprimir nova orientação social?

O que não logram conseguir os poderes do Estado e a dedicação particular dos filantropos, poderá ser alcançado pelo genio?

Ouso duvidar da efficacia ethica de quantos meios e processos higiénicos fôram sugeridos na sequencia das idades e possam occorrer ainda

TENENTE JAYME DE SOUSA TUDELLA

nos tempos a vir, porque tenho como opinião assente participar n'este mal toda a collectividade e não certas pessoas e classes determinadas.

Avultam sem contestação, no numero de seus fautóres, a ambição desregrada; a pouca firmeza de principios; o orgulho estupido e ridiculo; o abuso petulante; a impunidade de que gosam varios sujeitos á sombra do seu dinheiro; o indifferentismo politico; emfim, o desleixo criminoso dos governos em cujos membros abundam sempre infelizmente miras secrétas de interesses pessoaes!

O remedio a applicar deve conter uma sóma tal de virtude genérica, que só por si alente, vivifique e infórme cada uma das peças e o conjuncto da machina social.

Eu, por mim, não conheço no mundo elixir algum que reuna como o Evangelho de Jesus todos os predicados e requisitos indispensaveis para obra tamanha.

Voltêmos a face para a pureza d'aquellas paginas de significado authentico e de expressão singelissima e clara; não cogitêmos euphemismos oratorios e estilos de escripta: distingamo-nos por alacridade moral de consciencias, pelo senso commum e pelo juizo pratico!

A historia da civilisação humana mostra um Paulo rendido perante a verdade, maior obreiro do progresso dos povos do que o haviam sido antes d'elle e fôram depois, conquistadores e filósofos, sabios e imperantes, artistas e cortezãos.

E' de Christo que deriva o efeito sanativo da lepra da mendicidade.

Haja clero á altura de sua missão augusta e escola de ensino obrigatorio em cujo programma figure a palavra Deus, e estará ganha a batalha travada contra os inimigos mais pérfidos da ordem social; os antros que

DESEMBARQUE DOS EMIGRADOS BOERS, EM LISBOA — Vid. *Chronica Occidental*

alimentam o odio ao trabalho escassearão de frequentadores; a gargalhada zombeteira dos farçantes será substituida pelo estertor de agonia dos crapulosos e o manto da caridade só abrigará então em seu regaço divinal, mendigos verdadeiros na fome negra e no destino lacrimôso e não harpias da miseria sonhando vinganças e gotejando sangue.

Até lá, a mendicidade permanecerá no seio de nossas sociedades enfraquecidas moralmente, assumindo proporções maiores dia a dia, representando um perigo temeroso de submersão total e causando pelo seu aspecto chagado e nauseabundo um misto de pavor que seduz e de antipathia que enlouquece.

Não se interponham os governos á desordem proveniente dos seus proprios desmandos, consintam em seu gremio a presença dos libertinos, deixem esfriar as crenças completamente na consciencia das massas populares e obstem depois, se puderem, ao delirio da canalha e ao triumpho cynico do punhal no valhacouto da mendicidade não reprimida a tempo!

Para que a rectidão sobreleve ás paixões e aos defeitos, é preciso que os homens do léme politico se corrijam primeiro e não sejam cumplices nas orgias do mal.

E para se chegar ao equilibrio social de forças, ao respeito de direitos, á coerção logica de agentes dyscolos, convém imprescindivelmente beber na fonte de agua saluberrima doada ao mundo pelo Julgador incomparavel da mulher adultera.

A quem examinar com attenção e imparcialidade a historia humana, causará certamente impressão profunda a philosophia do Christianismo: uma só phrase resume-a por inteiro, e bastaram apenas tres annos de missão evangelica para arraigal-a e consolidal-a sobre a terra!

«Amae-vos uns aos outros como eu vos amei» — tal é a synthese da doutrina de Jesus, sem duvida irradiação perfeitissima d'um pensamento divino, por isso que todos os systemas philosophicos e todas as fórmas de governo ficam a perder de vista em face d'esta lei surpreendente em que se não comportam restricções de qualquer natureza.

Não é uma formula exclusiva de intelligencia bilateral em favor dos christãos dentro de sua grei, é o amor absoluto que ahi se proclama: e Jesus não falava assim para apropositar o ensejo de captar animos por meio de simples figura de linguagem, elle estremeceu os discipulos, derramou muitas lagrimas e gemeu muitas penas sobre as miserias do mundo; soffreu muito; perdoou muitissimo, e rematou pelo martyrio no lenho infamante o sacrificio voluntario á culpa dos homens!

Até ao dia do Golgotha, não estava de facto consumada na plenitude de sua extensão assombrosa a carreira do Mestre: na hora porém da Cruz, brilhou a par com o perdão solto dos labios do supliciado a aureola inextinguivel da Divindade!

Foi só então que se gravou em letras de sangue o epitáphio indelevel do paganismo: e ficava erguida uma cruz de braços abertos para todos os pontos do planeta, entre o passado agonisante no chaos da orgia e o futuro impenetravel que a sybylla desesperára de devassar!

As velhas civilisações de eras remotas do Oriente haviam-se perdido irremediavelmente no coflicto perpetuo das ambições insaciaveis e na hecatombe das guerras continuas.

Os idolos de todas as religiões da Asia tinham-se abysmado e sumido no diluvio da confusão e nos destroços da rapina, ambas trazidas pela correria infernal dos conquistadores.

A força bruta dava sempre a ultima nota d'aquella musica de averno e só ella tambem exercia dominio soberano na apreciação das coisas e na vida intima das familias.

Tomar uma cidade, vencer um exercito inimigo, não queria dizer impor apenas as condições da victoria e a lei do triumphador, era arrazar, trucidar, fazer escravos.

Chegou a vez em tão longa noite de trevas a um homem ardente na audacia indomita e a um povo inthusiasta no valor temerario, Cyro e os persas!

O seu imperio abrangeu todos os outros imperios e deu noticia do genio dos gregos, defrontando-se com elles.

Todavia a Grecia, «le plus éclatant théâtre du développement de l'humanité» conforme a affirmação eloquente d'Ampère, poude manter a sua independencia, respondendo aos attaques dos soldados da Persia com as victorias brilhantes de Marathona, Salamina, Platea e Mycala.

A politica de Filippe, da Macedonia, preparou em breve o caminho seguro por onde Alexandre empolgaria facilmente o solo grego, submettendo os seus habitantes.

Este guerreiro celebre, a quem deram por mentor o espirito de mais vasta sciencia da antiguidade, feriu na Asia golpes mortaes para os seus senhores e batalhas tremendas para os contrarios, cujos louros foram abatidos n'um sepulchro funesto pela espada fulgurante do discipulo de Aristoteles.

Estava findo o cyclo do mundo oriental; restava d'elle apenas um montão de ruinas colossaes, cujo destino seria fornecer elementos de investigação historica aos escriptores de merito e aos archéologos conscienciosos.

Do contacto com as côrtes e com as gentes da Asia, resultou para os gregos a afeminação nos requintes da sensualidade.

Perderam-se pouco a pouco os timbres do esforço, a fé nos deuses e os respeitos pelas leis.

O delirio carnal dos sentidos, aquecido pela mente sonhadora dos filhos da Atica desdobrára-se em joias inimitaveis da Arte, n'uma scena deslumbrante em que por vezes espiritos singulares como Platão e Socrates, iniciados nos altos segredos da metaphysica pareciam assistir á regeneração futura, vaticinando o advento do Justo.

E, depois, quando o Olympo já não tinha valor bastante para inspirar principes da poesia, lyrismos espontaneos, estylo oratorio arrebatador, brios militares na defesa da patria, mandou Roma, lá do Tibre, a delegação da força no pulso brutal do ignorante Mummio!

Egypto, Assyria, Babylonia, Phenicia, India, Media, Lydia, haviam sido a prêsa dos reis da Persia; o excesso do dominio fizera succumbir deante do heroe de Arbelles a descendencia degenerada do vencedor de Thymbrea; o destruidor da nova Tyro não viveu o tempo preciso para consolidar a sua obra, e do mesmo modo que o libertador dos hebreus do captiveiro da cidade dissoluta cooperou para a decadencia marcial dos persas, pondo as tropas em presença de quadros de prazeres proprios a enfraquecer a virilidade, egualmente Alexandre contribuiu para o amortecimento das qualidades energicas do caracter grego, exposto sob os céos do oriente ao perigo de seducções constantes e encantado por fim no regaço recendendo aromas de mulheres voluptuosamente bellas.

A religião não produzia effeito moderador na ardencia dos desejos impuros e no anceio vehemente de novas prelibações em seios vaporosos.

Aquelle que se quizera proclamar filho d'Ammon, considerava com indifferença egual todos os cultos, reconhecendo só acção legitima a da sua vontade e deus verdadeiro a sua pessoa.

Os romanos não obstante a rigidez dos estoicos, acabaram por entrar n'um banho permanente de devassidão formidanda em que se misturaram n'uma divinisação boçal farcistas imperiaes e gladiadores do circo, femeas monstruosas e animaes immundos!

Não podia ser este o destino da humanidade; havia ainda um povo que guardava uma lei e permanecia n'uma doce esperança.

Aquella fora-lhe confiada por Moyses, e exaltaria esta o Messias promettido.

Comtudo a sua ingratidão proverbial e a sua sordidez profissional, embotou-o perante a humildade summa de Jesus, insupportavel para quem, como os judeus, só aspirava a temporalidade.

Inventaram então motivos azados para o drama do Golgotha, em tempo do imperador Tiberio. Todavia, a trâma que dispoz o holocausto não fez obliterar as expressões de bondade infinita que revelaram em seu contexto sublime a estirpe excélsa do supposto réo:

«Amae-vos uns aos outros.»
«Ide e ensinae todas as gentes.»
«Se alguem vos ferir em uma das faces, apresentae-lhe a outra.»
«Não sou eu quem dá os logares de distincção, dá-os o merito de cada um.»
«O meu reino não é d'este mundo.»

O abbade Robert, escreveu este admiravel conceito:

«A luz celeste veio reflectir-se sobre o horisonte do mundo moral; e o homem, subtrahido ao poder das trevas, poude mergulhar a vista no oceano das perfeições divinas e comprehender o fim para o qual um tão grande numero de creaturas recebeu a existencia. Com a verdade a vida reappareceu tambem na morada da morte, e uma vida tão abundante que os mais bellos genios desertaram das escolas dos homens para vir soletrar na escola dos apostolos a sublime philosophia d'um Deus».

Por seu lado, diz Fustel de Coulanges:

«Pour savoir combien le christianisme a changé les règles de la politique, il suffit de se rappeler que l'ancienne société avait été constituée par une vieille religion dont le principal dogme était que chaque dieu protégeait exclusivement une famille ou une cité, et n'existait que pour elle.»

O Christianismo approximou todas as gerações no preceito commum do amor incondicional, abaixou todas as barreiras que separavam os povos, e arvorou como unico soberano dos homens filhos de Deus, o principio vivificante da fraternidade.

E quando parecia aos romanos, que o mundo ia desabar com estrepito impellido pela vingança dos barbaros, foram estes enlevados pela philosophia do amor e péla religião do Christianismo.

Cumpria-se a justiça do Eterno sobre os crimes dos pagãos: renascia a aurora da verdade sobre o mundo purificado pelo sangue que molhou a háste da Cruz!

As sociedades que teem sabido manter se n'uma linha de conducta havendo por directriz o apostolado edificante de Jesus Christo e os governos das quaes teem procurado corresponder por exemplificação leal aos preceitos genuinos do Christianismo, marcam epocas luminosas nas conquistas do progresso e proseguem ovantes na estrada real das benemerencias publicas.

Cumpre portanto envidar esforços para acendrar-lhes o espirito em tal modêlo e cooperar activa e directamente para a emancipação dos povos nos preceitos radiosos do Evangelho.

E ninguem affrouxe em semelhante empenho nobilissimo de zêlo suggestivo e legitimo: «a gota de agua, como disse magistralmente o conego Senna Freitas no pulpito da Sé Patriarchal de Lisboa, suspensa na borda da folha tenue póde scintillar como as pedras preciosas, se sobre ella incidir um raio de sol!»

D. Francisco de Noronha.

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

VII

As chapas veladas poderão tambem ser empregadas em clichés positivos por transparencia, libertando-se, para isso, do brometo de prata, por meio do hypposulphito de soda. Quando já transparentes, a lavagem n'agua livra-as de todo o hypposulphito que tenha ficado adherente á sua superficie.

Feito isto, sensibilisam-se de novo, com o banho seguinte:

1.º Citrato de ferro ammoniacal verde....	300 gr.
Agua....	100 »
2.º Ferricyaneto de potassio....	10 »
Agua....	100 »

As soluções são feitas separadamente e juntas na occasião do emprego. Mergulham-se as chapas já transparentes n'este banho, durante cinco minutos seccando-se em seguida, n'uma camara escura. Depois d'estas operações são estas impressionadas n'um *chassis-prensa*, sendo necessario cerca de meia hora, ao sol, para se poder tirar uma boa prova.

Desde que a imagem apparece, lava-se a chapa n'agua pura durante um quarto d'hora, deixando-a seccar.

VIII

Para imprimir uma prova photographica sobre um objecto de percelana ou vidro, indicamos o processo seguinte:

Unte-se o objecto onde se pretende fixar a imagem, com uma solução composta de 5 grammas de gelatina, 100 de agua, e 2 de bichromato de potassio, deixe-se seccar a massa, e exponha-se o objecto á luz, tirando-lhe, em seguida, o excesso de bichromato.

A prova photographica para este fim, é tirada por qualquer das fórmas conhecidas, mas deve ser bem nitida. Revela-se e fixa-se, egualmente por processos conhecidos, a chapa, passando-a em seguida por uma solução de formol a 5 %.

Por meio de um rolo de caoutchouc se faz a adhesão da solução ao objecto, deixando-a seccar. Feito isto, mergulha-se este na agua fria durante cinco minutos, seguido de um quarto d'hora na agua a 80.º Tirando o papel da prova por um dos cantos, a imagem fica adherente ao objecto.

FA SUSTENIDO

POR

Alphonse Karr

V

— Apre! disse o Barão, parando a leitura. Minha mãe tinha razão, isto havia de acabar mal.

VI

NOTAS

8. — Rasguei os versos, que não prestavam. Foi talvez pretexto que dei á minha timidez que m'os não deixou offerecer.

Houve scena terrivel esta manhã com minha mãe que me accusou de pensar de mais em Branca.

Ao falar d'ella disse *essa criaturinha*.. Desesperei-me e sahi.

A' noite acompanhei minha mãe a uma casa onde a tia de Branca vai muito. Eu ia todo bem arranjado, mas logo que entrámos disseram-nos:

— Madame Vurtz não vem cá hoje.

Tive vontade de me safar. Que tamanho d'horas as que eu lá passaria!

D'ali a um instante, a Branca e a tia. Tinham acabado os motivos para não irem. O coração dava-me pulos. Branca sentou-se de modo que entre nós ficou minha mãe. Sob o olhar de minha mãe nada tentaria para approximar-me d'ella; mas por esse ou outro motivo, offereceu a minha mãe o logar ao pé da tia, e ficámos um ao lado do outro; minha mãe, fingindo que me queria falar, chamou-me para ao pé de si e obrigou-me a sentar-me do outro lado de madame Vurtz.

15 de julho. — Esta manhã veio cá a casa madame Vurtz sósinha, fechou-se na sala com minha mãe e eu puz-me de ouvido á escuta atraz da porta.

— Escrevi-lhe, disse-lhe minha mãe, porque lhe quero falar muito a serio; trata-se de sua sobrinha e de meu filho. Os pequenos apaixonaram-se um pelo outro.

— Minha sr.ª, disse a tia de Branca, talvez seu filho se apaixonasse por minha sobrinha; mas Branca, queira acredital-o, foi educada de feitio que nunca faltará a nenhum dos deveres do seu sexo.

— Minha sr.ª, disse minha mãe, o que lhe disse foi por interesse seu, de sua sobrinha, e ainda de meu filho por quem fiz todos os sacrificios, depois de o haver criado ao meu peito.

Separaram-se, pouco satisfeitas uma com a outra.

Maldição sobre mim! Que mal fiz eu a minha mãe? Se não me deixam ver Branca, mato-me!

Os sacrificios que minha mãe fez! Pois dão-lhe assim direito de me escangalhar felicidade e futuro. Póde dizer o que quizer, não me deu tal de mamar, quem me criou foi uma cabra.

16. — Não se fala em coisa alguma.

18. — Senhor! Senhor! Que vai ser de mim? D'aqui a cinco dias Branca vai-se embora! Madame Vurtz assim o disse hoje!

Desculpam-se com a mãe que a mandou chamar; mas a culpa toda é de minha mãe. Pois tambem eu me vou para onde Branca fôr. Que hei de eu fazer?... perco a cabeça... Se hoje pudesse vel-a, dir-lhe hia que a adoro, que só por ella vivo, que é toda a minha alegria e esperança!

19. — Escrevi a madame Vurtz contando-lhe o meu amor pela sobrinha; peço lh'a em casamento para d'aqui a dois annos, quando eu esteja empregado. Terei tanta força, tanta coragem!... Serei rico, poderoso, para conquistar Branca.

Não responde.

Minha mãe, minha mãe, porque tanto me fazes soffrer?

23. — Branca foi-se embóra!

Em volta de mim tudo é deserto e lugubre! Ha dois dias que não falo com minha mãe.

Hontem, depois que ella se foi, percorri todos os logares onde d'antes a via. Em meio do meu luto, ai de mim! a natureza sorri, brilha o sol; mais me entristeceu seu brilho do que a vista da mortalha.

Adeus, Branca, alma minha e minha vida! Cedo te verei, que vou para Ober-Wesel.

Tu partiste e nem sequer te apertei a mão; antes um sacrilegio que espalhar pelo teu rosto a vermelhedão da vergonha.

VII

Apre! disse o Barão, parando a leitura. Minha mãe tinha razão; isto havia de acabar mal.

VIII

NOTAS

18 de janeiro. — Ober Wesel.

Somos dois secretarios em casa do sr. Bernhard. O Luiz é um bom rapaz, mediocremente espirituoso, mas todo cheio do seu imperceptivel merito e tolissimos ares.

Ha quasi uma semana que estou em Ober Wesel e ainda não dei com a morada de Branca.

Dei um grande passo na vida empregando-me em casa do sr. Bernhard: dão-me cama, de comer e quatrocentos florins de ordenado. Depois hei de receber um augmento.

Se chegasse a gannar oitocentos florins, havia de ter uma casita á beira do Rheno; que lindo sitio para morar com Branca ao lado!

Para isso o que é preciso é trabalhar...

19. — Hontem sahi um bocado, mas não descobri a morada de Branca.

23 — O Luiz tem uma amante encantadora; já quatro vezes me pediu para a acompanhar a casa á noite. Aquelles ares superiores que assume comigo offendem-me; não lhe passa pela cabeça que eu possa agradar áquella mulher. Aquelles modos protectores vão-me maçando. Tenho um projecto.

24. — O que o Luiz me maça, sempre que fala de Adelia, a dizer: — Adora-me!

E que linda que ella é!

26. — Hontem á noite, quando a acompanhei a casa, apertei-lhe umas poucas de vezes a mão sem que ella a retirasse; á despedida disse-lhe:

— Porque não me dá um beijo, quando me diz adeus?

— Para quê? perguntou ella.

— Porque me dava um grande prazer.

— Então dê-me o sr. o beijo, respondeu ella ainda, dando-me a cara.

30. — Esfolei um braço e tenho que ficar uns dias em casa.

Hontem o Luiz veio com a Adelia ver-me e depois acompanhei-os a casa; não tive occasião de dizer a Adelia que a esperava hoje; dava-lhe o braço e o Luiz ia ao meu lado; de repente, n'um momento em que ninguem falava, disse de rijo: Espero-te ámanhã. E no mesmo instante apertei o braço de Adelia. O Luiz, está claro, tomou o dito para elle.

Quando deixámos Adelia em casa, disse ao Luiz:

— Olha, o melhor é não ires lá ámanhã.

Não sei se Adelia me comprehenderia, mas pareceu-me que correspondia ao meu signal.

Batem á porta.

Duas horas. — Emquanto eu escrevo, o Luiz está fumando cachimbo á janella. Passou por acaso e perguntou se eu estava em casa. D'aqui a pouco vai-se embora. Palpita-me que a Adelia deve vir ahi, pelas quatro e meia.

Mas se não vie-se?

Hontem á noite, ao deixar-me, pareceu-me que evitava o meu olhar; é que devia ter percebido e não queria que o Luiz desconfiasse. Decididamente o comprehendeu, a não ser que comprehendesse exactamente o contrario, isto é, que aquellas palavras ditas ao Luiz deante d'ella fossem para que não viesse.

Trez horas. Vae-se approximando o momento em que ella ha de vir e eu vou perdendo a esperança de a ver.

5 horas. — Foi-se o Luiz.

Tive com a porteira o seguinte dialogo:

— Veio ahi uma senhora que esteve muito tempo a bater.

— Uma senhora como?

— Não sei bem dizer.

— Gorda?

— Não... mas forte.

— Alta?

— Não, como o senhor.

— Já não é mão. Velha?

— Não, não era velha

— Nova?

— Isso agora... não reparei... Uma pessoa está cá no seu trabalho...

— E que disse?

— Não disse nada.

— Deixou dito o nome?

— Não.

Ora, se realmente bateram, como diz a porteira, o que é certo é que nada ouvimos.

Se estivessemos á janella teria conhecido quem era; porque eu olhava com toda a attenção.

Se estivessemos dentro de casa, teriamos ouvido bater.

Não estavamos á janella, pois que não vimos ninguem, logo estavamos dentro de casa; logo ninguem bateu, porque nada ouvimos.

Por outro lado:

A porteira disse á tal senhora que eu estava com uma visita; poz-se á escuta atraz da porta e reconhecendo a voz do Luiz tornaria a descer sem bater.

Por um triz não se encontraram á esquina da rua.

Talvez volte.

D'aqui a pouco estou desesperado. Já accendem os candieiros nas lojas e os que passam parecem sombras sem côr.

Vou deitar-me.

Quem me déra o dia de ámanhã! Que novas me trará? Quem sabe?

Hoje esperava um prazer que não chegou, ámanhã algum chegará que não espero, ou talvez um desgosto, ou nada, que será o peor.

Pois que estou só dou-me muito boas noites.

E' exquisito isto de dar boas noites exactamente quando a noite para nós acabou e que não ha boa vontade que nos possa valer, isto ainda suppondo que a boa vontade sirva para alguma coisa.

Muita hypothese fiz eu para adivinhar porque foi que a Adelia não veio e uma pelo menos não fiz eu, porque estou certo de que não atinei com a verdade.

2 de fevereiro. — A Adelia appareceu-me hontem, mas não quero tornar a vel-a; dei com a morada de Branca! Os paes de Branca são simples camponezes. Madame Vurtz nunca falou em tal. Mas que importa? Que póde isso influir no nosso amor? Entretanto a nossa primeira entrevista foi muito fria. Eu não lhe podia dizer:

— A situação de seus paes não obsta ao meu amor.

E ella não podia adivinhar que impressão uma tal descoberta me faria.

10. — Branca devia hontem á noite responder-me a uma carta que muito me custou obrigal-a a acceitar. Ás onze horas a janella abriu-se e qualquer coisa caiu, decerto alguma carta. D'olhos no chão comecei a procurar.

De repente oiço uma voz.

— Ferro-lhe um tiro nos miolos.

— Porque? perguntei, endireitando-me.

— Atraz de quem veio?

— Sempre é muito curioso!

— Ha um quarto d'hora que me segue.

— Nunca o vi; mas, visto ter pistolas para me dar um tiro nos miolos, parece que não deve ter medo de mim.

— Nunca tive medo.

— Pois então gire, disse-lhe dando-lhe espaço para passar.

Quando passou para diante, disse me.

— A estas horas pode passar-se por um ladrão.

— São as suas horas; mas o senhor effectivamente só me parece um idiota.

Foi-se resmungando e decerto contaria que assaltado por meia duzia de ladrões, só deveu a salvação á sua muita coragem e presença de espirito.

15 de março. — Para festejar o dia dos meus annos, a minha linda Branca deu-me o primeiro malmequer desabrochado este anno. Como de noite, olhei para elle pensando em Branca, como d'essa flor a murchar-se me parecia exhalar-se o perfume do seu halito! O sr. Benhard perguntou-me de repente que era o que eu tinha. Senti-me córar, escondi o meu thesoiro e não respondi nada. Não sei que pensaria o sr. Bernhard da minha atrapalhação; mas sei que nem elle nem ninguem o hão de saber nunca. Antes mil vezes perder o logar que me dá o pão do que expôr Branca a um só pensamento impertinente; afogava n'estas mãos quem eu pudesse suppôr pensamento similhante abrigar no mais intimo do coração.

17. — Não posso ver Branca, que não sai por causa do frio que ha sempre, quando apparecem as primeiras folhas dos pilriteiros.

3 de abril. — Domingo de Paschoa.

O verde dos prados tem vida.

Os passaros cantam nos vallados.

Estão cheios de flores os salgueiros da beira do Rheno e zumbem abelhas em volta dos cachos amarellos e vermelhos.

E assim tambem sobre as flores dos damasqueiros.

Ali se poz um besoiro doirado sobre uma flor de neve; o homem despresa-o, mas é seu destino mais venturoso que o do homem: acha seu alimento no calice das flores e não vende a vida para ter de comer. Bastam-lhe os adornos com que o brindou a natureza para o tornar bello aos olhos da femea.

Tem mais fortuna que os homens, que, agora só de mim falando, não sei de todo como hei de arranjar um chapeo novo.

25. — Hontem, ao passarmos por detraz d'umas aveleiras por entre as quaes espreitavam os ulti-

mos raios do sol que lhe purpurisavam o rosto lindo, apertei lhe a mão; e então ella poz-se a tremer e tanto, que não me atrevi outra vez.

1 de maio. — Que casa tão bonitinha vimos hontem! No alto d'um rochedo e por detraz arvores enormes e frondosas.

Que felizes ali sariamos! O sol parece afagar com amor o tecto de colmo onde florescem as iris.

Ao colher para Branca um ramo de pilriteiro dei um golpe na mão.

Sentámo-nos sobre o musgo e fizemos projectos.

Mas a menor bulha do vento nas folhas assustava-nos. Que medrosa é a ventura! Vê inimigos por toda a parte!

O' minha Branca! escondamos nas ervinhas a nossa felicidade, sejamos felizes sem que ninguem o saiba. O infortunio anda sempre de vigia e a procurar-nos.

3. — Quem me dera, por causa de Branca, ser rico e poderoso! Mas não será o meu amor mais precioso que quanto lhe possam offerecer reis e principes?

. . . .

. . . .

IX

O Barão suspendeu a leitura e folheou ao acaso uns cadernos em que lêu o principio da sua grandeza e opulencia. Não quizera cazar com Branca e ella não quizera ser sua amante. Sorriu se lendo tres paginas emphaticas sobre a virtude da donzella. — Depois esquecêra-se.

(Continúa.)

Recebemos e agradecemos:

Naufragios — *(Romance original) por Cesar Porto — Lisboa — 1901.*

Naufragios é um grosso romance realista em que se entretecem com linguagem vernacula (no sentido verdadeiro do termo) varias scenas, e entre ellas algumas das mais torpes, da vida artificiosa da burguezia da capital.

Não é este livro proprio para aquelles que só apreciam a leitura de romances de enredo temeroso, do genero capa e espada; tampouco o é para aquelles que preferem ternas historias de amôr, sempre repetidas mas sempre cheias de novo encanto.

O conciso titulo de *Naufragios* poderia dar a esperança a quem visse o volume de n'elle se romantisar alguma longa narrativa tragico-maritima, o suggestivo assumpto, pelo qual a alma portugueza se mostra ainda apaixonada como lh'o permitte o espirito aventureiro que originou as antigas e gloriosas navegações, dilatadas, quanto dramaticas nos seus variados successos.

Mas hoje poucos se dedicam — embora exista uma certa revivescencia litteraria do romance historico — a phantasiar assumpto já de si tão maravilhoso, offerecendo bom ensinamento e vivissimo interesse. A eterna lucta com o mar, ora embravecido ora calmo, que mais bello e commovedor assumpto!

O romance original *Naufragios* não é nada d'isso. Explora os naufragios em que se afunda a moralidade, e fal-o de maneira que em nada contribue para o seu remedio. Expôr ao publico a chaga gangrenosa apenas dá asco. E' preciso sobresahir a stygmatisação do mal, propagando o horror d'elle, e não o apologiar.

Não é, pois, romance para ser lido geralmente, ou com deleite e ultilidade.

Se tem capitulos bem delineados outros apresenta que mais parecem reproducção ou simples reminescencia d'aquelles emocionantes artigos do periodico inglez *Paull Mall Gazett*, ácerca dos escandalos de Londres, em que se trouxeram á suppuração as mais horriveis objecções moraes, geradas na ultima degradação da extrema miseria que se debate na enorme cidade. Nos *Naufragios* essas scenas tratam do mais infame comercio, mercê da paixão do luxo, o que ainda as torna mais repellentes.

Se com o seu espirito observador e estylo facil o sr. Cesar Porto houvesse elaborado um romance d'outros elementos; e que se pudesse ler em geral sem maior inconveniente, muito teriamos a felicital-o.

N'um paiz em que o romance é mais lido por mulheres do que por homens, um auctor que pretenda contribuir condignamente para tão agradavel missão, dando pasto á delicada attenção do espirito feminino, deve escolher assumptos menos escabrosos, a não ser que, como nos *Naufragios* os dedique só a leitura para homens, devendo em taes casos estampar no frontispicio o necessario subtitulo para prevenção de quem deseje adquirir o volume.

Não são, apezar da sua linguagem por vezes muito baixa, um livro pronographico os *Naufragios*, occorre-nos declarar; mas a sua immoralidade é assaz evidente.

A PRAÇA DE PENICHE

OS EMIGRADOS BOERS EM PENICHE — Vidé *Chronica Occidental*